

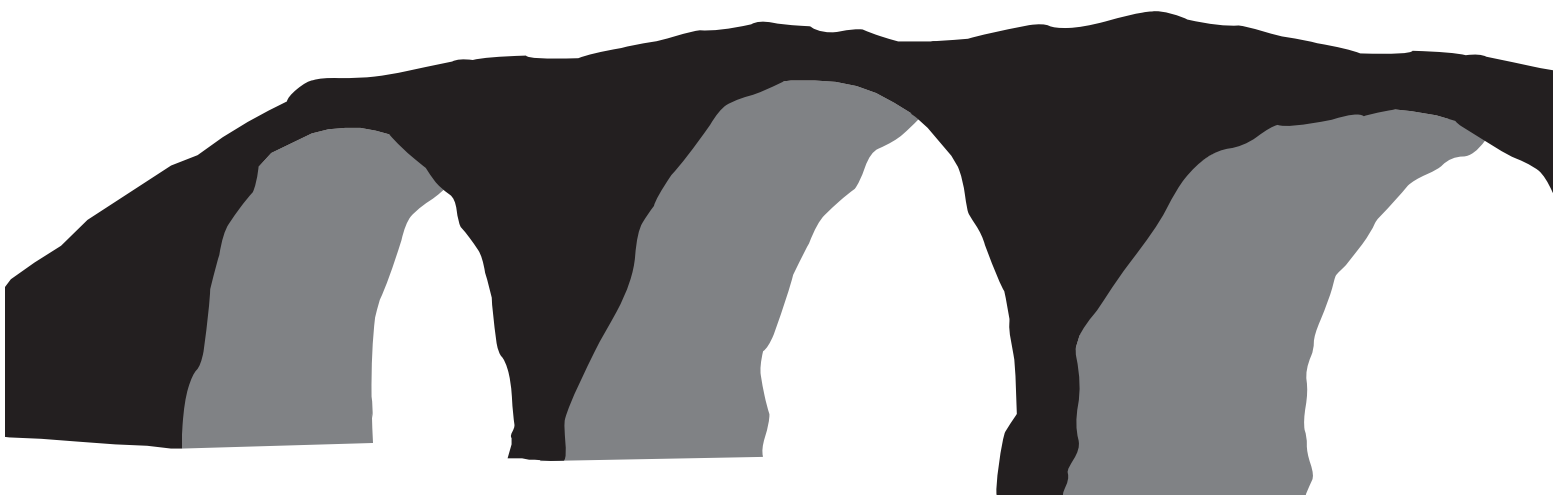
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 6 | Número 2 | Julho – Dezembro 2012

ISSN 1981-5875

**RUMO A UMA ARQUEOLOGIA  
HISTÓRICA GLOBAL:  
UM EXEMPLO DO BRASIL**

Charles E. Orser Jr.





# RUMO A UMA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA GLOBAL: UM EXEMPLO DO BRASIL<sup>1 2</sup>

Charles E. Orser Jr.

Tradução: Bruno Sanches Ranzani da Silva  
(DAA/UFPel, doutorando DH/Unicamp)

Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro  
(Bacharelado História/PUC-MG,  
pesquisador Scientia Consultoria)

Revisão de Pedro Paulo A. Funari, Unicamp.

---

## RESUMO

Recentemente, Schuyler argumentou que arqueólogos(as) históricos(as)<sup>3</sup> podem fazer suas maiores contribuições para o conhecimento através da realização de “etnografias históricas”, estudos detalhados de comunidades específicas. Apesar da visão de Schuyler ter seu mérito, nenhum estudo do mundo moderno – incluindo arqueologia histórica – pode estar verdadeiramente completo sem se considerar as diversas conexões geralmente mantidas entre habitantes de sítios históricos. Arqueologia histórica deve ser pensada como um campo global e amplo, que vê o mundo além do sítio. A comunidade de escravos foragidos de Palmares no Brasil ilustra essa posição.

---

1 Publicado originalmente em *Historical Archaeology* (1994), 28(1), 5 – 22.

2 N.T. Publicado com autorização do autor.

3 N.T. Em inglês, *archaeologist*, entre outros, é um substantivo sem distinção de gênero. Para manter a abrangência do público masculino e feminino, optamos por evidenciar ambos gêneros quando assim permite o contexto.

## INTRODUÇÃO

Arqueólogos(as) históricos(as) têm se interessado em definir a missão e escopo de seu campo de pesquisa por muitos anos (e.g. Harrington 1952, 1955; Fontana 1965; Walker 1967; Cleland e Fitting 1968; Dollar 1968; South 1968). As discussões na plenária do encontro de 1987 da Sociedade para Arqueologia Histórica<sup>4</sup> demonstram que essas preocupações não deixaram a arqueologia histórica (Honerkamp 1988). Como parte dessa sessão, Robert Schuyler (1988) propôs que arqueólogos(as) históricos(as), para sedimentarem seu campo com uma clara missão antropológica, deveriam concentrar-se em “etnografias históricas”, ou estudos antropológicos focados em comunidades específicas.

A ideia de Schuyler inicialmente faz muito sentido. Arqueólogos(as) podem fornecer informações detalhadas únicas sobre comunidades do passado. Na arqueologia do passado histórico, no entanto, é extremamente difícil definir uma “comunidade” como uma entidade sociocultural com fronteiras bem definidas. O problema em definir comunidades surge do fato do passado histórico ser parcialmente caracterizado pela expansiva globalização de povos europeus poderosos.

A proposta deste artigo é discutir a perspectiva de Schuyler sobre arqueologia histórica como muito restritiva, tendo em vista a complexidade social e escala global dos sistemas mundiais normalmente estudados em arqueologia histórica. Arqueólogos(as) conduzindo pesquisas em sítios associados de qualquer maneira com o mundo moderno – independente de como esse “mundo” seja definido – devem tentar enquadrar seus estudos dentro de termos os mais amplos possíveis. Este trabalho mostra especificamente como o estudo de Palmares, a grande sociedade quilombola do século XVII no nordeste brasileiro, deve ser conduzido em termos amplos. A princípio, Palmares aparenta uma arena perfeita para o desenvolvimento de uma etnografia histórica. Palmares foi um lugar concreto com uma história e cultura únicas, apensar de se saber pouco sobre ela. Uma etnografia histórica, incluindo uma combinação cuidadosa de informações históricas e arqueológicas, poderia mostrar uma nova interpretação significativa dessa importante comunidade quilombola do novo mundo. O prospecto de escrever uma etnografia histórica, no entanto, perde seu apelo quando se percebe que Palmares não pode ser entendida sem incluir a informação sobre o número de lugares fora da comunidade. Esses locais incluem plantações portuguesas de açúcar, assentamentos holandeses, vilas de nativos americanos e comunidades africanas na Angola. Cada uma dessas partes teve um papel essencial na criação e manutenção da comunidade quilombola de Palmares.

---

4 N.T. *Society for Historical Archaeology (SHA)* no original em inglês.

## ETNOGRAFIAS HISTÓRICAS E O SISTEMA DE MUNDO MODERNO

O argumento de Schuyler sobre o valor de conduzir uma pesquisa arqueológica como uma forma de estudo de uma comunidade não é inteiramente novo. Mais de uma década antes, William H. Adams (1977) estudou a cidade de Silcott, Washington, como uma comunidade. Confrontado com a possibilidade de conduzir uma escavação numa cidade inteira, Adams decidiu que a abordagem mais sábia seria entender os locais individuais da cidade como áreas de atividade dentro de uma comunidade interativa maior. O estudo de Adams (1977:31) vislumbrou Silcott “como deve ter sido, uma comunidade de pessoas, não uma coleção de sítios ou artefatos para serem vistos pelos(as) arqueólogos(as) e para seu próprio e singular esclarecimento.” O foco aberto de Adams é na arqueologia de pessoas socialmente conectadas dentro da comunidade de Silcott.

Schuyler não tenta reforçar a abordagem explicitamente orientada para a comunidade; na verdade, ele nem mesmo cita o trabalho de Adam. A mensagem de Schuyler aparenta ser uma reação à crescente tendência entre cientistas sociais para conduzir estudos em larga escala que vão além de um sítio individual, um grupo de sítios ou mesmo uma região. Ao longo das últimas duas décadas, alguns pesquisadores voltaram sua atenção em direção a eventos e processos históricos e culturais que atuaram depois do início da globalização europeia, ou aproximadamente depois de 1415 d.C., data da captura de Ceuta pelos portugueses no Norte da África. A ampla perspectiva usada para examinar o que ficou conhecido como “sistema-mundial moderno” foi desenvolvida majoritariamente por historiadores (Woodruff 1967, 1981; Chaunu 1979; Marcus 1980; Scammell 1981; Braudel 1984; Curtin 1984, 1990; Phillips 1988; Abu-Lughod 1989) e sociólogos históricos (Wallwestein 1974, 1979, 1980; Hokins 1982). Também tomando perspectivas globais e amplas estão economistas (Frank 1978; Cameron 1989; Wallace 1990), ambientalistas (Sale 1990), geógrafos (Genovese e Hochberg 1989; Haggett 1990), economistas políticos (Goldfrank 1979; Martin 1990), sociólogos urbanos (King 1984, 1989, 1990) e antropólogos (Wolf 1982; Mintz 1986). Um preceito da perspectiva de sistema mundial é que a interação social envolve “uma totalidade de processos interconectados” que não pode ser entendida pela dissociação dessa totalidade em pequenas, talvez insignificantes, unidades analíticas (Wolf 1982: 3).

Em ambos os níveis metodológico e epistemológico, um aspecto importante desses estudos tem sido a vontade dos(as) autores(as) de colocar os pés para fora de suas próprias disciplinas de modo a usar materiais de pesquisa e conhecimentos de outros campos. Na antropologia, Wolf (1982:ix) enfatiza que um real entendimento de questões de larga escala e a longo prazo que se desenvolveram durante

o século XV não podem ser entendidas de maneira substantiva sem transcender “os modos costumeiros de representar a história ocidental.” Da mesma maneira, Mintz (1986:xxx) propõe que “fenômenos sociais são, por natureza, históricos” (para comentários similares, ver Wallerstein 1979:ix-x). Wolf e Mintz dão continuidade a uma tradição mais antiga de interpretação histórico-antropológica de larga-escala, talvez melhor exemplificada por Kroeber (1957, 1966), mas também seguido por outros(as) de maneiras diversas (e.g. Bourguignon e Greenbaum 1973; Murdock 1980). Por esses(as) antropólogos(as), e por vários(as) historiadores(as) (Davis 1982; Isaac 1982; Breen 1989), a diferença entre antropologia e história é uma convenção administrativa antes que intelectual.

Estudos transcontinentais e trans-disciplinares do sistema mundial moderno têm sido importantes para dissolver barreiras disciplinares e nos fornecer informações sobre a história e a sociedade moderna. O que estranhamente está em falta nesses estudos é a aplicação de descobertas arqueológicas de modo significativo, quando acontece de serem aplicadas. Mesmo Wolf (1982:4), cujo trabalho é bem conhecido entre arqueólogos(as) e que admite ser influenciado por arqueólogos(as) (Ghani 1987:357), apenas menciona materiais arqueológicos *en passant*. Nem Wolf ou Mintz fazem uso da arqueologia histórica em seus importantes estudos do mundo moderno.

Schuyler (1988: 37) foca na omissão da arqueologia em Wolf e argumenta que arqueólogos(as) históricos(as) não devem estranhar a frequente ignorância de suas pesquisas por parte dos(as) historiadores(as), porque “mesmo nossos(as) colegas próximos da antropologia social” (e.g. Wolf) têm ignorado. Schuyler (1988:41) conclui que arqueólogos(as) “não escavam em níveis globais,” mas se focam em apenas um sítio ou comunidade por vez. Como resultado, arqueólogos(as) históricos(as) não devem ficar surpresos com a limitada aplicabilidade de seus estudos. De acordo com Schuyler, ao invés de ver esse enfoque local como uma fraqueza, arqueólogos(as) históricos(as) deveriam vê-lo como uma força significativa para ser usada no desenvolvimento de etnografias históricas. Essas etnografias são o estudo de diversas comunidades como unidades “culturais historicamente integradas”. Schuyler reconhece que um uso mais amplo da arqueologia histórica pode ser encontrado uma vez que um número dessas etnografias históricas tiver sido produzido (Schuyler 1988:41).

Schuyler está correto em um ponto óbvio: um(a) arqueólogo(a) individual não pode escavar todos os sítios dentro de um sistema inteiro. Qualquer um que tentar escavar um sistema mundial inteiro se encontrará rapidamente frustrado, se por nenhuma outra razão, pela falta de tempo e financiamento. Como observa o geógrafo Peter Haggett (1990:28), o “problema colocado por qualquer sujeito

que busca a globalidade é simples e imediato: a superfície da terra é tão atordoantemente grande.” Schuyler também está correto ao afirmar que arqueólogos(as) deveriam ser capazes de prover interpretações razoavelmente detalhadas dos sítios que estudam. Arqueólogos(as) que estudam sociedades letradas de qualquer tipo devem estar bem equipados para apresentar sólidos estudos de comunidades através da combinação de informação arqueológica com não-arqueológica. Neste sentido, estudos de comunidades – preparados como relatórios de sítios – constituem o coração da maioria dos estudos arqueológicos. Igualando sítios com comunidades, Schuyler (1988:41) nota que “arqueologia histórica sempre fará suas melhores contribuições a nível de análise de sítio.”

Os comentários de Schuyler sobre as limitações espaciais de uma perspectiva arqueológica vão contra um corpo significativo de pesquisas. Diversos(as) arqueólogos(as) demonstram considerável interesse em análises de larga escala de complexos culturais inteiros, do Oriente Próximo antigo ao sudoeste americano (Rowlands et. a. 1987; Schortman e Urban 1987; Champion 1989).

A chamada de Schuyler para o desenvolvimento de etnografias históricas mais estreitas é talvez mais problemática em arqueologia histórica. A extensa história de contatos culturais entre europeus e não-europeus que caracteriza o processo moderno de globalização, documentado tão bem por Wolf (1982) e outros, argumenta contra o estudo isolacionista de comunidades em arqueologia histórica. Considerando essa história bem documentada, deveriam os(as) arqueólogos(as) históricos(as) escrever etnografias do passado sem adotar uma visão global que se estenda além do nível da comunidade? Mesmo Adams (1976, 1977:78-97), apesar de se concentrar no conceito de “comunidade,” explora a importância de redes econômicas de troca muito além de Silcott. A análise de Adam (1976:11) demonstra que “a população de Silcott participava de uma hierarquia de redes econômicas e sociais ligando-os eventualmente ao resto dos Estados Unidos e o resto do mundo.” Em algum sentido, então, pode-se imaginar que a população de Silcott era membro de “comunidades” locais, regionais, nacionais e mesmo internacionais. Um grande desafio para a arqueologia histórica interessada em análise e interpretação em larga-escala é encontrar meios de conduzir uma pesquisa que tenha abrangência tanto sítio-específica quanto transcontinental. Outros(as) arqueólogos(as) históricos(as) (Deetz 1977, 1991; South 1988) observaram que arqueologia histórica deve desenvolver uma perspectiva global, notando que o “seu óbvio nicho como um campo de pesquisa moderno e sintético, é no estudo de processos e inter-relações pelas quais as organizações humanas sociais e econômicas se desenvolvem e envolvem no mundo moderno” (Deagan 1988:8, ver também Deagan 1991).



A comunidade de Palmares do século XVII no nordeste brasileiro fornece uma arena perfeita na qual se pode refutar a proposta de Schuyler (1988) de uma arqueologia histórica focada em estudos de comunidades e etnografias históricas. Essa asserção parece um paradoxo, pois Palmares, a princípio, apresenta-se como um local perfeito para uma etnografia histórica. Uma reflexão mais profunda revela que a etnografia histórica, como um estudo comunitário, seria inadequada para explicar a vida cotidiana em Palmares. Além disso, a perspectiva de Schuyler de um consenso cultural lhe permite postular que comunidades eram entidades sociais “integradas”. É possível duvidar que consenso realmente alcançava todos os níveis de qualquer organização sociocultural, especialmente num lugar como Palmares.

#### PALMARES: UM BREVE RELATO HISTÓRICO

Palmares foi, sem dúvida alguma, um dos mais importantes assentamentos quilombolas na história do Novo Mundo. Dizem que “todos os brasileiros letrados ... sabem de Palmares, o grande refúgio escravo” (Degler 1971:8), e que Palmares representa “a primeira alvorada da independência” de uma nação africana (Ennes 1948: 201). Palmares, o maior, de mais longa ocupação e mais tenaz sociedade de escravos fugitivos do novo mundo (Moura 1987:36, 1988:205), é mencionada, de alguma maneira, em quase todos os livros sobre história brasileira, resistência e rebelião escrava no novo mundo (e.g. Freyre 1956:38; Batisde 1978:83-90; Genovese 1979; Bruns 1980:54; Diffie 1987:308-309; Campbell 1990:2).

Escravos fugitivos construíram Palmares, provavelmente por volta de 1605, na linha montanhosa paralela à costa do nordeste brasileiro, na capitania, ou estado, de Pernambuco – hoje os estados de Alagoas e Pernambuco (Kent 1965:165). Os portugueses, que descobriram o Brasil em 1500, rapidamente procuraram cimentar sua presença antes dos franceses, que também estavam ativamente explorando aquela costa (Diffie 1987:31). Escravidão, primeiro de nativos americanos e, posteriormente, de africanos, sempre foi parte do plano português para o Brasil. O número exato de escravos africanos enviados para o Brasil ainda é motivo de debate (Conrad 1986:25-36), mas foram enviados mais do que para qualquer outro lugar do mundo (Phillips 1985:192). Um número tão grande quanto 4400 escravos deve ter sido enviado para Pernambuco a cada ano (Hall et. al. 1987:181).

A produção do açúcar figurava proeminentemente no princípio da história do Brasil, e os escravos eram enviados para trabalhar nas plantações. Quando Ambrósio Fernandes Brandão escreveu seus *Diálogos das Grandezas do Brasil* em



1618, ele mencionou que a produção de açúcar era o principal meio de enriquecimento no Brasil (Hall et. al. 1987:132). Em 1584, a capitania de Pernambuco possuía 26 engenhos de açúcar; em 1612, as capitanias do norte, incluindo Pernambuco, tinham 170 engenhos; e 230 operavam no Brasil entre 1627-1628 (Boxer 1973<sup>a</sup>:192). Os portugueses implantavam esses engenhos de açúcar, como todos seus assentamentos, ao longo da costa atlântica. De acordo com Brandão, os assentamentos portugueses não se estendiam por mais de 10 léguas (cerca de 56 Km) rumo o interior (Hall et. al. 1987:19).

As fontes relatam que Palmares teria sido construída por “cerca de quarenta negros do Povo da Guiné,” fugitivos das *fazendas* costeiras (Rocha Pita 1950:294). Infelizmente, essa designação é insignificante, uma vez que os portugueses do século XVII se referiam a todos os africanos como “da Guiné,” ou tendo vindo da costa da Guiné, um termo sem fronteiras geográficas claras (Kent 1965: 165-166; Hall et. al. 1987:57). Os portugueses chamavam o assentamento de “Palmares” pela abundância de palmeiras na área, mas seus habitantes, os assim chamados “palmarinos”, referiam-se à sua sociedade, como sugerem as fontes, como “Angola janga” ou “pequena Angola,” em honra à terra natal da maioria de seus indivíduos (Freitas 1984:9, 44; Schwartz 1985:342). De qualquer modo, colonos europeus na América do Sul logo se familiarizaram com Palmares e, em 1612, os portugueses fizeram seu primeiro e malsucedido ataque à comunidade quilombola. Os portugueses viam Palmares como uma ameaça. Não só minava a economia escravista das *fazendas* ao drenar a mão-de-obra escrava, mas também iluminava a rachadura no poder escravocrata ao mostrar que escravos poderiam viver livres e bem no novo mundo.

Os holandeses, que haviam estabelecido um firme entreposto no nordeste brasileiro em 1630 (Boxer 1973b:98 – 100), também se preocuparam com Palmares, e, em 1640, eles enviaram uma patrulha para investigá-lo. Esse reconhecimento foi liderado por Bartholomeu Lintz, o primeiro europeu a descrever a sociedade quilombola brasileira. Lintz menciona dois assentamentos palmarinos: Grande Palmares, que dizia contar com cerca de 5000 pessoas que viviam nos vales em cabanas dispersas, e Pequeno Palmares, um assentamento mais nucleado cuja população rondava 1000 pessoas (Barleus 1923:315-316). Lintz descreve Pequeno Palmares como uma vila com três ruas e cabanas feitas de palha. A população, cujo “trabalho é roubar os escravos dos portugueses,” dizia-se sobreviver de “tâmaras, leguminosas, mingau, cevada, cana-de-açúcar, galinha doméstica (da qual possuíam muitas), e peixe” (Nieuhoff 1813:707).

Em 1644, uma expedição holandesa atacou Grande Palmares com uma força de nativos sul-americanos e informaram sua destruição com “ferro e fogo” (Bar-

leus 1923:270). Esses assaltos holandeses, no entanto, não tiveram um impacto duradouro e Palmares continuou crescendo em tamanho e população (Drummond 1859:305; Barleus 1923:253).

No ano seguinte, Jürgens Reijmbach conduziu outro ataque holandês a Palmares. Reijmbach relata que a vila que atacou estava cercada por uma dupla paliçada. Por dentro da parede dupla havia uma trincheira “cheia de varetas pontudas” (Carvalho 1902:92; Carneiro 1988: 256). Ele ainda conta que a vila continha 220 casas, uma igreja, quatro forjas e uma grande casa-conselho.

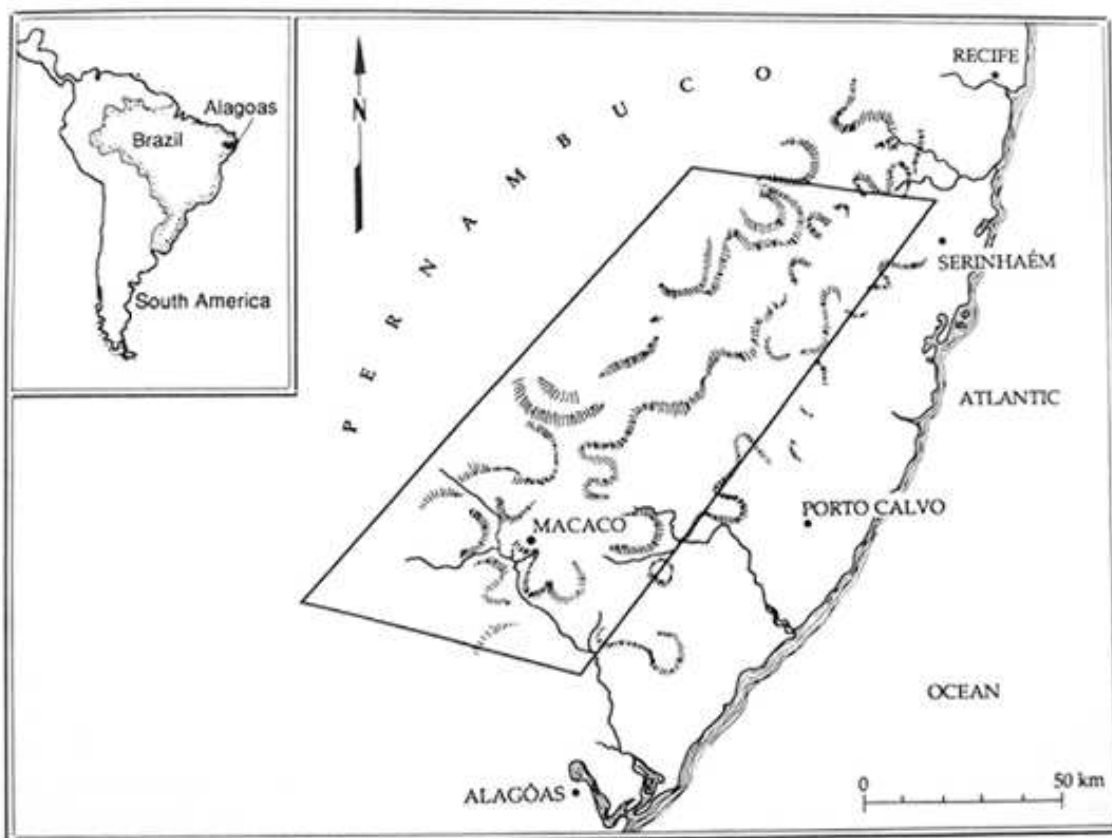


FIGURA 1 – A área controlada por Palmares no auge de seu desenvolvimento.

Entre 1670 e 1694, um líder, chamado de “Ganga Zumba,” ou Grande Senhor, vivia na cidade capital de Macaco – presumidamente a vila atacada por Reijmbach – e governava Palmares. Dizem que essa vila teria sido nomeada Macaco – português para “macaco”<sup>5</sup> – devido à caça desse animal no local (Drummond 1859:306).

5 N.T.: No original em inglês, a capital está redigida como “Macaco”, assim o autor traduziu a palavra para a língua do texto, explicando que *Macaco* – Portuguese for “monkey”. Optamos por deixar o aposto como o original apesar da redundância.

Relatos desse período afirmam explicitamente que Palmares era morada de até 20.000 pessoas vivendo em 10 vilas separadas: a Paliçada Real (Macaco), Osenga, Subupira, Dambrabanga, Arotirene, Tabocas (composta por duas vilas), Zumbi, Amaro e Andalaquituche (Drummond 1859:304; Rodrigues 1945:131). Fontes do século XVII indicam que a terra sob controle dos palmarinos se estendia por cerca de 170 Km, ou do noroeste da cidade de Alagoas, ao sul, ao noroeste de Serinhaém, ao norte (Drummond 1859:304). Esse extenso território do rio Ipojuca no atual estado de Pernambuco ao rio Paraíba no atual estado de Alagoas (Figura 1; Moura 1987:35).

Analistas modernos têm nomeado as 10 vilas de Palmares de diferentes modos, como “estado” (Altavilla 1931; Ramos 1939; Kent 1965), uma “confederação” (Moura 1987) e um “reino” (Curtin 1990:106). Um elemento chave de Palmares foi seu caráter de sincretismo interno, pois seu “sistema político não derivava de um modelo particular da África central, mas de vários modelos” (Kent 1965:175). Ninguém sabe quantas tradições culturais foram representadas em Palmares. A maioria dos escravos no Brasil foi designada por nomes “culturais”, com base no porto de embarque (Freitas 1984:39). Angola foi a fonte da maioria dos escravos brasileiros durante o século XVII (Conrad 1986:28-29), e o comentário de Antonio Vieira em 1648, de que “sem Angola não haveriam negros” (Conrad 1986:ix), vai direto ao ponto.

Uma grande diversidade de povos vivia na Angola do século XVII (Vansina 1963; Miller 1976; Maestri 1978; Thornton 1992) e essa complexidade cultural implica que Palmares foisse “um mosaico étnico e cultural” (Freitas 1984:39).

Os portugueses começaram um programa energético de tentativas de destruir Palmares por volta de 1670, e quase todos os anos a partir de então eles enviaram alguma força armada contra os quilombos. Em 1687, Zumbi assassinou seu tio, Ganga Zumba, e tomou o poder em Palmares. Tradicionalmente, tem-se que Zumbi era mais militante que seu tio e que ele almejava uma resistência ativa e armada aos portugueses, ao invés da paz inquieta de Ganga Zumba. A ascensão de Zumbi aumentou a tensão entre os portugueses e os palmarinos, e, em 1694, uma força combinada de combatentes de indígenas brasileiros de São Paulo – os famosos *bandeirantes* – e seus aliados nativos conduziram um assalto dramático e bem-sucedido a Macaco. Zumbi foi capturado e decapitado e Palmares debandada. Os palmarinos que não foram capturados e supostamente fugiram para as florestas dos arredores. O que veio a ser dessas pessoas é desconhecido, mas a tradição de resistência permaneceu no nordeste brasileiro por diversos anos.

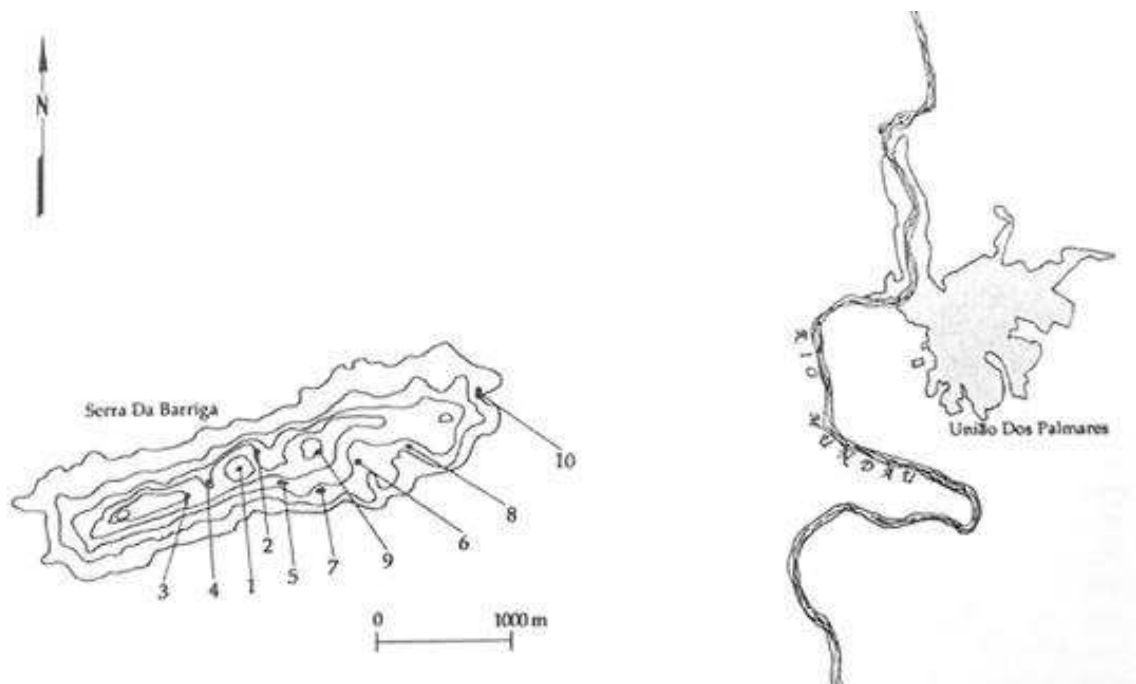
A resistência armada dos palmarinos e o heroísmo de Zumbi são hoje amplamente comemorados no Brasil, particularmente no nordeste (Brandão 1935:66;

Freitas 1984:100-165; Santos 1985:37-47). Palmares soma um importante elemento à identidade Afro-brasileira da atualidade (Chiavenato 1980), e Zumbi é hoje considerado “o primeiro grande negro do Brasil” (Souza 1963:15). Os eventos em Palmares foram dramatizados em dois filmes de longa-metragem. Em 1969, um grupo de esquerda até assumiu o nome “Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares” (Dassin 1986:94).

Essa breve história de Palmares sugere que uma etnografia histórica do tipo recomendada por Schuyler (1988) poderia ser completa para o caso de Palmares. Essa etnografia poderia se focar em uma vila ou mesmo todas as 10 vilas como uma comunidade. Em cada caso, a arqueologia deve interpretar um papel proeminente na criação da etnografia, já que os registros históricos existentes não oferecem informação detalhada sobre a vida cotidiana em Palmares. Os observadores contemporâneos a Palmares foram enviados para destruí-lo e roubar-lhes a liberdade. Os homens que escreveram sobre a sociedade quilombola não registraram precisamente como vivia o povo, qual a medida da influência indígena sentida em cada uma das vilas palmarinas, a natureza da estratificação social ou as características da linguagem. Os observadores europeus notaram os elementos cristãos da religião africana praticada em Palmares, mas seus comentários são tão vagos a ponto de levantar sérios questionamentos à real natureza dessa religião sincrética. É desconhecido o fato de que algum palmarino tenha escrito algo sobre as vilas ou feito comentários que foram registrados. Trabalhos de campo seriamente antropológicos entre descendentes de quilombos no Brasil ainda têm que ser feitos, e ninguém sabe precisamente onde os descendentes dos palmarinos vivem hoje. Os comentários escritos sobre Palmares não podem ser considerados imparciais e sem vieses. Nada se sabe hoje sobre o tipo de casas que os palmarinos construíram, a variedade cerâmica que eles usaram ou o tamanho de cada uma das vilas. As complexas circunstâncias históricas e culturais de Palmares sugerem, no entanto, que será impossível construir uma etnografia sem adotar uma perspectiva ampla que se estende muito além da comunidade. Como as fronteiras dessa comunidade podem ser estabelecidas? Quem pode ser considerado como seus membros? Quando uma pessoa está “dentro” ou “fora” de Palmares? Essas são apenas algumas questões que uma perspectiva baseada na comunidade poderiam trazer à luz. De modo mais concreto, talvez, um estudo arqueológico preliminar levado a cabo em 1992 demonstra a necessidade por uma visão mais ampla quando consideramos Palmares.

## PESQUISA ARQUEOLÓGICA PRELIMINAR EM PALMARES

Reconhecimento arqueológico inicial foi feito em Palmares em julho de 1992. A intenção original com essa prospecção era localizar as 10 vilas que compreendiam Palmares no auge de seu desenvolvimento, entre os anos de 1670 e 1694. A abundância do material de superfície encontrado em Macaco, o primeiro local examinado, no entanto, fez necessária a restrição da investigação a essa única área. Macaco, a antiga cidade capital de Palmares, está localizada na hoje conhecida Serra da Barriga.



*FIGURA 2: a Serra da Barriga em relação à União dos Palmares. Os números fazem referências aos 10 sítios localizados durante a prospecção de 1992.*

A Serra da Barriga está localizada no município da União dos Palmares, no estado de Alagoas. Alagoas está no nordeste brasileiro, uma parte do país conhecida hoje por sua pobreza e secas anuais. A Serra da Barriga localiza-se numa parte rural do estado, cerca de 60 Km da costa. A formação montanhosa tem cerca de 4.000m de leste a oeste e de 500 a 1.000m de norte a sul. Sua altura gira em torno de 150 e 560 acima do nível do médio do mar e jaz numa região conhecida como floresta alagoana (Araújo 1985:34-38). A fonte de água mais próxima é o rio Mandaú, localizado aproximadamente a 3.000m a leste, mas



vários pequenos riachos correm para o pé da Serra de todas as direções. A cidade mais próxima, União dos Palmares, está localizada além do rio, cerca de 4.500m a partir do ponto mais oriental da Serra da Barriga (Figura 2). Nos anos 1980, a Serra da Barriga foi declarada monumento nacional e uma estátua comemorativa de Zumbi foi ali colocada.

A equipe de reconhecimento, composta pelo autor, Pedro Funari, Michael Rowlands e voluntários do Brasil e Estados Unidos da América, encontraram 10 sítios arqueológicos durante a etapa de campo de 1992 (Figura 2). Todos esses sítios são significativos e serão eventualmente objetos de investigação futura. Para este trabalho, o sítio 3 talvez seja o mais significativo devido à sua natureza e à quantidade de material ali encontrado. A equipe coletou 251 fragmentos de cerâmica desse sítio; terra queimada e carvão foram os únicos materiais encontrados à parte das cerâmicas. Essas podem ser divididas em duas categorias básicas: vasilhames não-esmaltados e faianças com esmalte de estanho. Os vasilhames não-esmaltados podem ser ainda divididos em três variedades: vasilhames com parede-fina (< 1 cm) e temperados; vasilhames com parede fina e não temperados; e vasilhames de parede grossa (> 1 cm) e muito temperados.

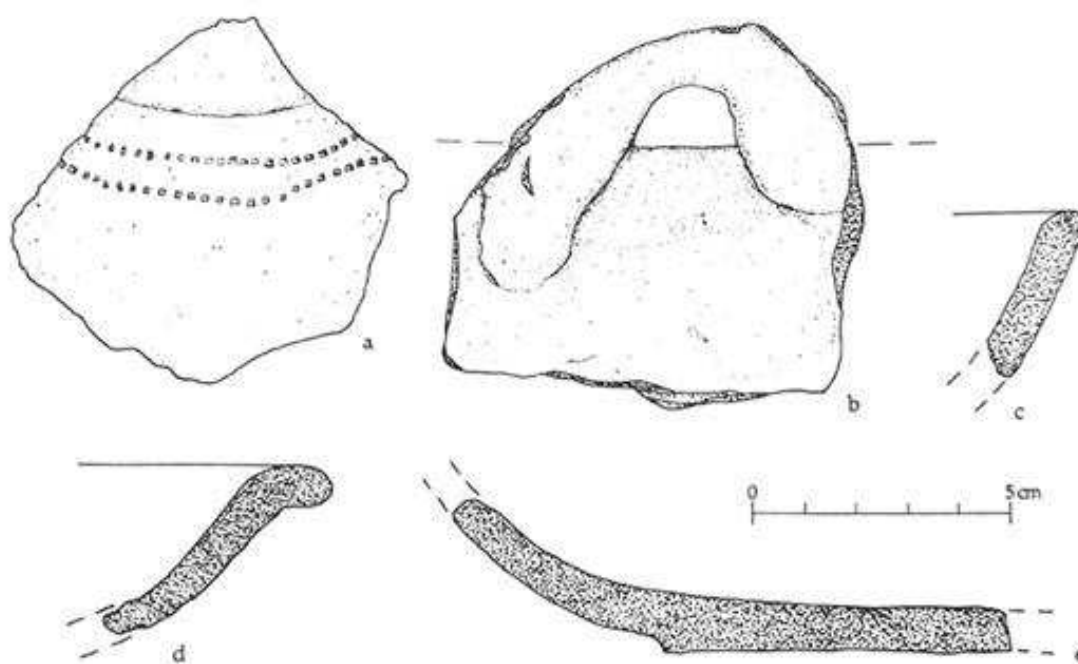


FIGURA 3 – Cerâmicas de parede fina e não-esmaltadas da Serra da Barriga: a. vasilhame marrom e temperado com ponteados quadrados; b. vasilhame marrom e temperado com alça; c. e d. contorno dos perfis de vasilhames de paredes finas não-esmaltados; e. perfil da base de vasilhames de parede fina sem tempero.



Os vasilhames de paredes finas e temperados são representadas por uma variedade decorada com duas fileiras de pequenos pontuados quadrados (Figura 3a), e uma variedade marrom sem decoração que apresenta uma alça completa (Figura 3b). Os vasilhames de paredes finas e sem tempero são de cor levemente amarelada e de fina confecção. Eles aparentam ter sido feitos com molde ou torno. Os fragmentos mostram que esses vasilhames foram feitos com dois tipos de bordas, uma direta (Figura 3c) e uma com um lábio de ângulo muito acentuado (Figura 3d). Esses vasilhames também tinham borda infletida e vertical. Os vasilhames de paredes grossas são de cor avermelhada e com uma espessura que varia de 2.45 a 2.79 cm. Embora a maioria dos potes não possua decoração e sem diagnóstico, um deles apresentou lábio expandido (Figura 4).

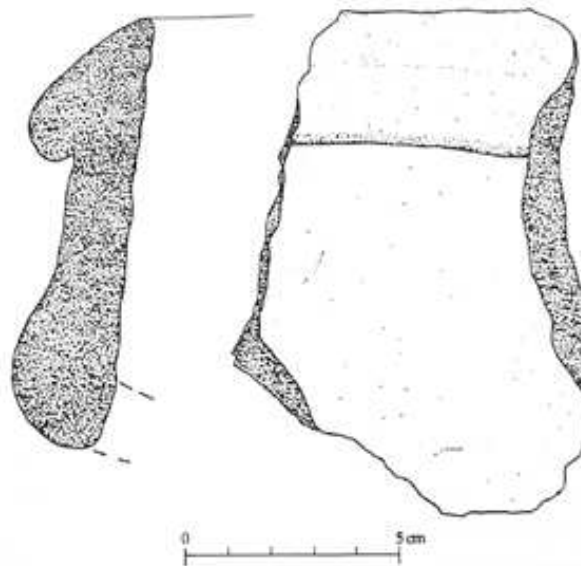


FIGURA 4 – Fragmento de borda de um vasilhame vermelho, grosso e muito temperado da Serra da Barriga.

Todas as faianças foram pobremente feitas e apenas uma peça decorada. O fragmento possui uma pintura verde-amarelada no interior, decorada com duas bandas paralelas avermelhadas (Figura 5a). O exterior é não-esmaltado. Os demais fragmentos de faiança representam três diferentes formas de vasilhames. A primeira forma é uma tigela, com um diâmetro calculado de 17 cm, com uma borda expandida (Figura 5b). Esse vasilhame tem uma pintura desigual que varia de um verde-amarelado para um amarelo pálido tanto no interior quanto no exterior. A segunda forma também é de uma tigela pequena, com o diâmetro calculado em

17 cm, com uma borda mais extrovertida que o do primeiro vasilhame (Figura 5c). A pintura desse fragmento é amarela, mas, se por um lado ela se estende por todo o interior do vasilhame, ela apenas se estende para o exterior acima do lábio. O terceiro fragmento é similar ao segundo, mas o lábio é ainda mais extrovertido (Figura 5d) e a pintura não se estende para o exterior além do lábio. O tamanho estimado do vasilhame inteiro é de 34 cm.

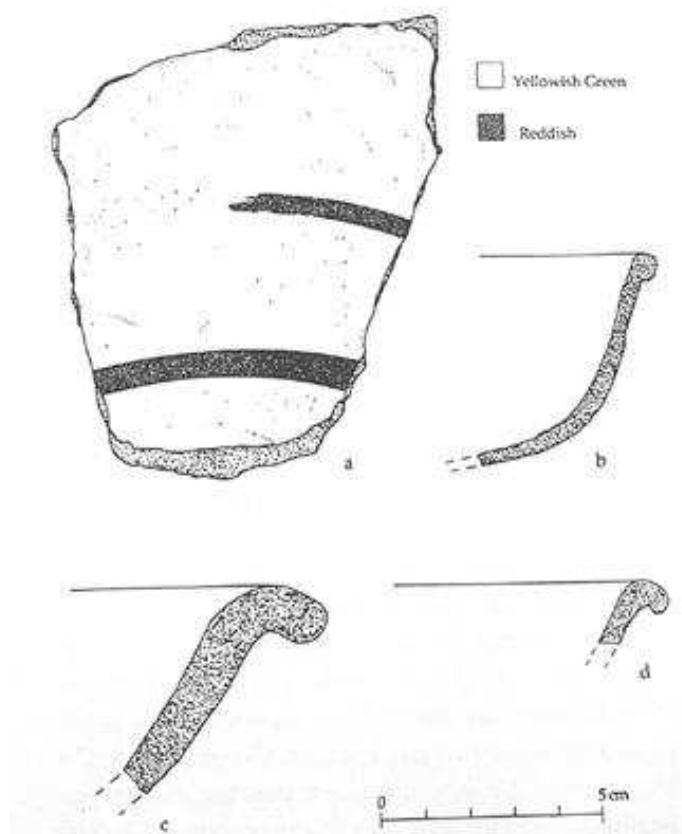


FIGURA 5

Esses fragmentos estavam todos localizados na superfície do sítio 3, mas um programa de teste em subsuperfície limitada indicou que esses pedaços associados tinham um forte contexto. Pode-se assumir, então, que esses quatro tipos de cerâmicas foram usados contemporaneamente em Palmares. Também é possível assumir, com base na ideia de que Palmares era um “mosaico cultural” – unindo Africanos, Nativos sul-americanos e até colonos portugueses e holandeses – que essas cerâmicas podem estar de alguma forma associadas a esses diferentes grupos e às relações sociopolíticas e econômicas entre eles. Em essência, nesse estágio ainda inicial da pesquisa, fica-se tentado a associar, mesmo que tentativamente, essa variação na coleção cerâmica possa refletir as diferenças culturais presentes em Palmares. Obviamente, conexões entre os ceramistas e as sociedades ainda estão para ser demonstradas, mas a questão central se torna, então, como uma

etnografia histórica de Palmares pode ser escrita sem considerarmos o papel desempenhado por cada grupo dentro do “mosaico” na criação, desenvolvimento e manutenção da comunidade? Cada um desses grupos não era necessariamente uma parte cotidiana da sociedade palmarina, mesmo que cada uma fosse imensamente importante para ela. A história de cada grupo é complexa, mas mesmo uma breve consideração de cada um demonstra porque o entendimento de Palmares deve ser estendido além daquilo que pode ser estreitamente interpretado como sua comunidade.

### PALMARES E O PORTUGUÊS COLONIAL NO BRASIL

Pode parecer lógico à primeira vista assumir que o povo de Palmares, como escravos foragidos, e os portugueses, donos de escravos, fossem inimigos declarados. Nieuhoff (1813:707) declara que a principal ocupação do povo de Palmares seria roubar os escravos dos portugueses, e Barleus (1974:252) menciona que todos os escravos que escolheram fugir de seus cativeiros foram bem recebidos pelos quilombolas. Barleus (1974:252) também noticia que os escravos poderiam ser capturados em plantações costeiras e levados à força para Palmares. Esta evidência sugere que os palmarinos representariam uma ameaça tripla aos portugueses coloniais: uma ameaça econômica, por roubar os escravos dos senhores de engenho portugueses; uma ameaça política, por serem inimigos ativos da empreitada mercantilista portuguesa no Brasil; e uma ameaça social, por corporificar (ou materializar) uma fraqueza do regime escravista. Pode-se supor, então, que os palmarinos e os colonos portugueses representem pólos opostos no experimento colonial no Novo Mundo.

Demasiado importante é que as relações entre os portugueses e os palmarinos não eram tão bem delineadas assim. A sociedade colonial portuguesa não era totalmente unida em sua oposição a Palmares, e as evidências históricas sugerem que os palmarinos tinham o apoio de pelo menos algum segmento da população colonial portuguesa. Barleus (1974:252), por exemplo, relata que Bartholomeus Lintz, o líder da expedição holandesa contra Palmares em 1640, “viveu entre eles [e] depois de ficar com eles [conheceu] seu lugar e seu modo de vida.” Por alguma razão Lintz decidiu trair seus “antigos companheiros” (Barleus 1974:252) e liderou o primeiro ataque holandês a Palmares. Também, em 1670, depois que os holandeses deixaram o nordeste do Brasil, o governador colonial português denunciou todos os colonos (*moradores*) que continuaram fornecendo armas de fogo aos palmarinos “em desconsideração das leis divinas e locais” (Carneiro 1988: 227-228). Dezessete anos depois, o governador colonial ameaçou prender

qualquer colono português que fosse suspeito de apoiar Palmares, independente de sua posição social ou “berço nobre” (Ennes 1938:240). O povo de Palmares é conhecido por trocar regularmente sua “cana, banana e feijão por artigos como utensílios, armas de fogo e munição” com os moradores locais (Ramos 1939:64), e esses colonos são conhecidos por terem fornecido informações sobre ataques eminentes (Kent 1965:171).

Essa informação histórica sugere que o povo de Palmares manteve contato constante com alguns seguimentos da população portuguesa local. A existência deste contato sugere que os objetivos do governo colonial português e da elite açucareira da costa brasileira não eram, necessariamente, os mesmos dos moradores. Parece claro que qualquer etnografia histórica de Palmares deve incluir os moradores, pessoas de descendência portuguesa que não viviam na comunidade palmarina, mas obviamente estiveram muito ligadas à sua existência.

O aparente conflito entre os canavieiros litorâneos e os moradores de áreas mais interioranas pode ser melhor compreendido partindo de uma breve consideração sobre a sociedade portuguesa continental. No século XVII, a sociedade portuguesa estava estratificada em pelo menos quatro classes: homens letrados, uma classe pouco homogênea de acadêmicos educados; a nobreza, composta por cavaleiros, escudeiros e outros assim chamados “homens ricos”; o clero; e os cidadãos fazendeiros, mercadores ou servos (Marques 1971: 9-10). Os mercadores, artesãos e outros “homens ricos” logo perceberam as vantagens da exploração global (Livermore 1973:69), pois os três grupos tinham a oportunidade de se tornar ricos proprietários de latifúndios. Os soldados e marujos portugueses, “os cidadãos” que encaravam os perigos da exploração, eram geralmente muito receosos de seu fracasso para considerarem qualquer recompensa monetária de uma expedição. (Moser 1985: 97-98). Pode-se facilmente supor que os moradores e os ricos latifundiários portugueses não compartilhavam, necessariamente, uma mesma visão de Brasil, e que os moradores talvez estivessem dispostos a auxiliar os palmarinos, pessoas com quem eles comercializavam e de quem adquiriam gêneros alimentícios. É possível que a vida dos moradores fosse similar àquela dos palmarinos, e que os moradores tivessem mais em comum com os palmarinos do que com seus compatriotas latifundiários, donos de *plantation*.

Declarações definitivas não podem ser feitas, mas pode-se imaginar que os elos entre moradores e palmarinos talvez tivessem um elemento material. A natureza destas relações deve se tornar mais clara com o avanço das pesquisas.

## PALMARES E OS NATIVOS SUL-AMERICANOS

Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, eles não encontraram um lugar vazio e inabitado. Ao contrário, eles encontraram um lugar habitado por milhares de povos indígenas que viviam no Brasil há séculos. Exploradores do século XVI chamaram de “Tupinambá” todos aqueles povos que falavam a língua tupi-guarani e que viviam ao longo da costa brasileira desde a boca do Amazonas até São Paulo, no sul (Métraux 1948:95). Tupinambá abrange um grupo diverso, comumente caracterizado pela horticultura de coivara associada à caça e à coleta, grandes casas comunais, matriarcado e canibalismo.

Os portugueses institucionalizaram o aprisionamento de culturas indígenas no Brasil em meados de 1550 (Hemming 1978:152). Em finais do século XVI eles tinham escravizado centenas de Tupinambá para o trabalho nos engenhos, mas estes escravos nativos logo se sobrecarregavam ou morriam vítimas de doenças europeias (Thornton 1992:140; ver também Cardoso 1983:66-67). Em 1583 um observador comentou que: “ninguém poderia acreditar que tamanha reserva [de escravos indígenas] se esgotaria tão rápido” (Scammell 1981:248).

O papel que povos indígenas desempenharam em Palmares não está claro. Eles eram empregados pelos portugueses em ataques armados a Palmares, começando com o ataque holandês de Rodolfo Baro em 1643 e terminando com o sucesso do último ataque português comandado por Domingos Jorge Velho em 1694 (Hemming 1978: 357-359). A possível adoção de um nome nativo para uma das vilas de Palmares – Arotirene (Kent 1965: 169) – sugere, entretanto, que os nativos brasileiros dos arredores de Palmares contribuíram para o sucesso e manutenção da comunidade quilombola. Os Tupinambá eram conhecidos por terem combatido os portugueses no século XVI, e uma aliança com escravos portugueses foragidos não é difícil de se imaginar. Ainda, Barleus (1923:370) reporta que Baro capturou “sete brasileiros” durante seu ataque a Palmares em 1644. De um ponto de vista lógico, é difícil imaginar a continuidade de Palmares no interior sem apoio nativo, especialmente quando os palmarinos invadiam a terra natal dos nativos.

A equipe de pesquisadores(as) pode ter encontrado evidências materiais do envolvimento nativo em Palmares durante a etapa de campo de 1992. A cerâmica de parede grossa e altamente temperada encontrada no sítio 3 pode ser cerâmica indígena, e seu contexto, em associação com faianças, sugere que estas cerâmicas podem ser contemporâneas.

A influência de povos indígenas em Palmares também pode ser validada por uma grande vasilha cerâmica recuperada intacta no sítio 1. Este pote, encontrado 15 cm abaixo da superfície, mede 71 cm de diâmetro e 69 de profundidade.



Seu bojo, da mesma composição que a cerâmica avermelhada de parede grossa encontrada no sítio 3, tem aproximados 3cm de espessura. Dentro desta vasilha estavam uma vasilha menor e 31 pequenos cacos que pareciam ser fragmentos do pescoço da vasilha maior.

É difícil uma interpretação funcional do grande vasilhame. Grandes urnas de sepultamento são bem conhecidas na pré-história brasileira (Meggers 1948:159), e os habitantes atuais da Serra da Barriga relataram o achado de um pote similar, contendo material ósseo humano e um colar, em algum lugar da região (Orser 1992:25). A ausência de material ósseo no grande pote não exclui seu uso como urna funerária (Anna C. Roosevelt 1992, comunicação pessoal). Meggers e Evans (1983:316) apresentaram uma urna funerária da tradição cultural Aratu, de datação próxima a 800 D.C., que guarda certa semelhança com este grande pote do sítio 1. Eles observam que potes similares foram encontrados no nordeste brasileiro, incluindo o estado de Alagoas, em cemitérios “contendo mais de 100 urnas” (Meggers e Evans 1983:317).

A presença de pequenas peças de cerâmica no fundo do pote também pode sugerir que o pote tenha servido para armazenar grãos ou outros materiais, e os pequenos cacos representam a colocação e a remoção de objetos na vasilha. Vasilhas cerâmicas são conhecidas por terem sido utilizadas para armazenamento de grãos entre os Mbundu, ou Ovimbundu, na Angola moderna (McCulloch 1952:15). Uma vasilha apresentada por Hambly (1934:368, prancha 14), em sua etnografia dos Mbundu, tem a mesma forma que a vasilha encontrada no sítio 1, mas como essa forma é comum por todo o mundo, essa semelhança pode ser coincidência.

Em qualquer caso, essa análise conclui que povos indígenas tiveram um impacto forte e duradouro sobre Palmares. A força e a duração deste impacto estão por ser determinadas.

## PALMARES E ANGOLA

Nenhum estudo sobre Palmares estaria completo sem considerar a Angola do século XVII. O contexto cultural de Angola à época do envolvimento português é extremamente complicado e uma descrição histórica completa de suas complexidades está fora do escopo deste artigo (cf Miller 1976, 1982; Thornton 1992). Porém, mesmo uma breve consideração irá revelar sua importância para Palmares.

Muitas culturas distintas viviam na África Central na época do contato português. Quando Diogo Cão navegou a costa africana por volta de 1480, o Reino do Congo era “o líder indiscutível entre os estados costeiros da África Central” (Vansina 1966: 37). Esse reino se aliou a Portugal, seu rei recebeu batizado cristão em 1490



e meninos congolezes eram enviados para estudar em Lisboa. Os portugueses e o Reino do Congo eram tão ligados que, em 1512, os portugueses foram capazes de ameaçar cessar todo o comércio com o Congo a menos que os africanos continuassem a fornecer escravos aos portugueses (Saunders 1982: 20-21). Em algumas décadas, no entanto, ataques vindos do interior, de Jaga ou Imbangala (Vansina 1963), ajudaram a acelerar a desintegração do Reino do Congo, e os portugueses voltaram sua atenção para o interior do que chamavam de “Angola”, por causa do rei Mbundu, conhecido como “Ngola” (Birmingham 1965: 8; Boxer 1973b: 237). Tão complexas eram as relações entre os portugueses e os povos do Centro-Oeste africano que, quando o Reino do Congo atacou o Reino do Kdongo, os dois lados foram apoiados por tropas portuguesas (Henderson 1979:82).

A construção de Luanda em 1575 pelos portugueses sinalizou seu comprometimento em controlar Angola. Os portugueses, no entanto, não procuraram estabelecer laços colaterais próximos com os habitantes de Angola como eles fizeram no Congo, escolheram, ao invés, dominá-los e subjugá-los no que tem sido descrito como um dos regimes mais brutais na história colonial (Bennet 1975: 34-35).

Entre 1605 e 1694, período em que Palmares existiu, a situação cultural no Centro-Oeste da África continuou complexa. Entre 1605 e 1654, os portugueses realizaram esforços bem sucedidos para estimular o comércio escravista de Angola, e, de 1654 a 1683, os portugueses tentaram cimentar seu controle sobre Angola (Birmingham 1965: 24). Em 1640, Portugal declarou sua independência da Espanha, e colonialistas ricos no Brasil foram chamados para defender Angola das investidas dos holandeses (Duffy 1962:55). O fornecimento de escravos para o Novo Mundo foi rapidamente interrompido durante este período, mas não foi encerrado.

Os contatos culturais entre os vários povos que viviam em Angola foram extensos (Thornton 1992:188). Um dos fatores que tornou estes contatos possíveis, além da geografia humana da região, foi o comércio escravista. Muitos dos escravos despachados de Luanda foram capturados durante conflitos, e os mercadores portugueses não se importavam de incitar a guerra local visando comprar os prisioneiros (Duffy 1962:60). Esses prisioneiros eram enviados às *plantations* açucareiras do Brasil e eram as pessoas que, em última instância, fugiam para Palmares. Pode-se imaginar que culturas e tradições do povo angolano desempenharam papéis importantes no desenrolar da história e da cultura de Palmares. A maneira pela qual as tradições angolanas foram impressas na cultura material da sociedade quilombola é desconhecida atualmente.

## CONCLUSÃO

À primeira vista, Palmares parece representar uma oportunidade perfeita para prepararmos uma etnografia histórica como proposta por Schuyler (1988). Pouco é conhecido sobre a vida cotidiana em Palmares, mesmo que muitos europeus tenham deixado testemunhos sobre a comunidade. A arqueologia, combinada com estes testemunhos, irá aprimorar significativamente o conhecimento sobre Palmares e oferecerá maiores informações sobre como os africanos retiveram elementos de sua cultura diante da escravidão. Em Palmares, especificamente, podemos aprender sobre como diversas culturas de origem africana e americana criaram uma cultura sincrética no Novo Mundo. Claramente, a continuidade do estudo de Palmares oferece oportunidade ampla de aprender sobre um importante aspecto da vida colonial nas Américas: a participação dos escravos foragidos na formação da sociedade moderna. Uma etnografia histórica de Palmares pode ser um documento importante na história dessa formação, mesmo que Palmares seja vista, isoladamente, como uma comunidade distinta.

Mesmo uma breve consideração da história de Palmares demonstra que a elaboração desta etnografia histórica não é tão simples. Palmares foi afetada por diversos povos ao longo de sua história. O registro histórico indica que Palmares estava situada entre aldeias indígenas, a oeste, e a colônia portuguesa, a leste. Pelo menos duas classes, provavelmente com planos e objetivos diferentes, existiram dentro dos acampamentos coloniais portugueses. Essas classes, moradores e senhores de engenho, impactaram Palmares diferentemente, mas, ainda assim, ambas representavam Portugal. De 1630 a 1654, os holandeses também tiveram algum impacto sobre Palmares pelo nordeste, onde tentaram estabelecer assentamentos permanentes no Brasil. Da mesma maneira, inúmeros escravos africanos foram enviados ao Brasil ao longo da história de Palmares e podemos deduzir que essas pessoas continuaram aumentando a população de Palmares até 1694. Destes africanos recém-chegados, é esperado que tenham mantido viva a cultura africana em Palmares, mesmo que os palmarinos tenham construído uma cultura sincrética baseada em elementos africanos, europeus e nativos sul-americanos. Palmares estava geograficamente situada de modo a manter interação constante com cinco grupos distintos: (1) culturas indígenas, (2) moradores portugueses, (3) ricos senhores de engenho, (4) colonos holandeses (de 1630 a 1654), (5) escravos africanos recém-chegados (figura 6). A importância de qualquer um destes grupos na manutenção de Palmares não pode ser subestimada. Todos os grupos devem ser considerados em qualquer etnografia histórica, mesmo que não fossem palmarinos.

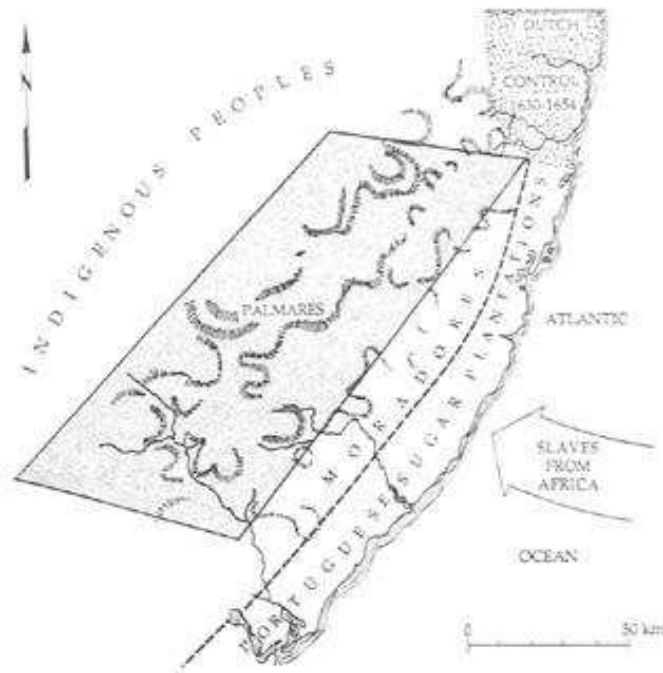


FIGURA 6 – Localização de Palmares em relação a outros grupos no nordeste do Brasil.

Em um nível mais amplo, o estudo de Palmares deverá proporcionar uma compreensão alternativa do crescimento e dispersão do capitalismo mercantil. Palmares representa o tipo mais evidente de resistência e seu estudo deverá oferecer novos *insights* para arqueólogos(as) que desejam estudar o mundo moderno de vários ângulos diferentes.

Num primeiro momento, a ideia de Schuyler (1988) sobre a elaboração de etnografias históricas na arqueologia histórica parece ser um importante caminho para os (as) arqueólogos(as) históricos(as) serem abertamente reconhecidos por substanciais contribuições para o conhecimento. Claramente, a etnografia histórica pode apresentar uma maneira para os (as) arqueólogos(as) históricos(as) demonstrarem o poder interpretativo da arqueologia histórica aos acadêmicos de outros campos. Ao fazer essa contribuição, no entanto, arqueólogos(as) históricos(as) vão encontrar dificuldades em definir suas “comunidades” com qualquer clareza. A dificuldade na definição de comunidades deriva da história do mundo moderno, como tem sido documentado e interpretado por Wolf (1982) e outros. A arqueologia histórica, em última instância, sairá ferida, se seus praticantes adotarem pontos de vista muito estreitos sobre as comunidades, subestimando o grande escopo cultural e histórico no qual todas as comunidades históricas estão inseridas. Palmares serve para demonstrar a necessidade de adoção de perspectivas globais na arqueologia histórica. Ainda, comunidades quilombolas podem ser mais comuns na história do que o previamente suspeitado e o estudo

de Palmares pode fornecer pistas sobre vários temas de grande interesse para a arqueologia histórica, como racismo, etnicidade, gênero e classe.

#### AGRADECIMENTOS

Este artigo foi escrito após longas e frutíferas trocas com Pedro Paulo Abreu Funari, da Universidade Estadual de Campinas, Brasil, e Michael J.J. Rowlands, da University College, de Londres, e lhes sou grato pelas inferências. Também estou em débito com Zezito de Araújo, diretor do Centro de Estudos Afro-Brasileiros, da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil, e com Clóvis Moura, presidente do Instituto Brasileiro de estudos Africanos, em São Paulo. Beneficiei-me de discussões com Christopher DeCorse, Robert Dirks, Mark Leone, William Marquardt, Anna C. Roosevelt e Julie Ruiz-Sierra. Quero agradecer a Jerry Moore, pela elaboração das imagens, e a Gerlof D. Homan, do Departamento de História da Illinois State University, pela tradução do material de Barleus. Eu gostaria de agradecer a biblioteca de Newberry por me tornar acessível a edição de Barleus de 1647. Estou em dívida com Janice Orser por seu apoio constante e encorajador durante esta pesquisa e por suas habilidades de edição. A William Tumbaugh e aos revisores do jornal pelos conselhos muito apreciados durante a preparação deste manuscrito. Esta pesquisa foi realizada com subsídios da National Geographic Society, Committee for Research and Exploration (auxílio N.: 4805-92) e do University Research Office of Illinois State University.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Janet L.: *Before European Hegemony: The World System. A.D. 1250 – 1350*. Oxford University Press, New York. 1989.
- ADAMS, William H.: *Trade Networks and interaction spheres – A view from Silcott. Historical Archaeology* 10:99 – 112. 1976.
- \_\_\_\_\_.: Silcott, Washington: *Etnoarchaeology in a rural american community. Laboratory of Anthropology*, Washington State University, Pullman. 1979
- ALTAVILLA, Jayme de.: *O Quilombo dos Palmares*. Companhia Melhoramentos, São Paulo. 1931.
- ARAÚJO, Zezito de (Organizador).: *Serra da Barriga: Exposição de motivos para o tombamento*. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 1985.
- BARLEUS, Caspar. *Nederlandsch Brazilie Onder Het Bewind van Johan Maurits, Grave van Nassau, 1637 – 1644*. Martinus Nijhoff, S- Gravenhage. 1923.
- \_\_\_\_\_.: *Historia dos Feitos Recentemente Practicados Durante Oito Anos no Brasil*. Livraria Itatiaia Editora, Belo Horizonte. 1974.
- BASTIDE, Roger.: *The African Religions of Brazil: Towards a Sociology of interpretations of civilizations*. Traduzido por Helen Sebba. The Johns Hopkins University Press, Baltimore. 1978.
- BENNETT, Norman R.: *Africa and Europe: From Roman Times to the Present*. Africana, New York. 1975
- BIRMINGHAM, David.: *The Portuguese Conquest of Angola*. Oxford university Press, London. 1965.
- BOURGUIGNON, Erika; GREENBAUM, Lenora S.: *Diversity and Homogeneity in World Society*. HRAF Press, New Haven. 1973
- BOXER, C. R.: *Salvador de Sá e a Luta pelo Brasil e Angola, 1602 – 1686*. Traduzido por Olivério M. De Oliveira Pito. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1973a.
- \_\_\_\_\_.: *The Dutch Seaborn Empire, 1600 – 1800*. Penguin, London. 1973b.
- BRANDÃO, Alfredo.: *Os Negros na História de Alagoas*. Estudos Afro-Brasileiros 1:

55-91. 1935

BRAUDEL, Fernand.: *The Perspective of the World*, traduzido por Sian Reynolds. Harper and How, New York. 1984

BREEN, T. H.: *Imagining the Past: East Hampton Histories*. Addison-Wesley, Reading, Massachusetts. 1989.

BURNS, E. Bradford.: *A History of Brazil*. 2ª ed. Columbia University Press, New York. 1980.

CAMERON, Rondo.: *A Concise Economic History of the World*. Oxford University Press, New York. 1989.

CAMPBELL, Mavis. C.: *The maroons of Jamaica, 1655 – 1796: A History of Resistance, Collaboration and Betrayal*. Africa World Press, Trenton, New Jersey. 1990.

CARDOSO, Gerald.: *Negro Slavery in the Sugar Plantations of Veracruz and Pernambuco, 1550 – 1680. A Comparative Study*. University Press of America, Washington, D.C. 1983

CARNEIRO, Edson.: *Os Quilombo dos Palmares*. 4ª ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1988.

CARVALHO, Alfredo de (Tradutor): *Diário da Viagem de Capitão João Blaer aos Palmares em 1645*. Revista do Instituto de Arqueologia e Geográfico de Pernambuco 10: 87 – 96. 1902.

CHAMPION, Timothy C. (Editor).. *Centre and Periphery: Comparative Studies in Archaeology*. Unwin Hyman, London. 1989

CHAUNU, Peter.: *European Expansion in the Latter Middle Ages*, traduzido por Katharine Bertram. North-Holland, Amsterdam. 1979

CHIAVENATO, Julio José.: *Palmares: Símbolo da Capacidade de Luta do Negro Escravo*. In.: *O Negro no Brasil: Da Senzala a Guerra do Paraguai*, pp 158-160. Brasileira, São Paulo. 1980

CLELAND, Charles E; FITTING, James E.: *The Crisis of Identity: Theory in Historic Sites Archaeology*. Conference on Historic Site Archaeology Papers 1967 2(2): 124-138. 1968

CONRAD, Robert Edgar.: *World of Sorrow: The African Slave Trade in Brazil*. Louisiana



- University State Press, Baton Rouge. 1986
- CURTIN, Philip D. *Cross Culture Trade In World History*. Cambridge University Press, Cambridge. 1984.
- \_\_\_\_\_.: *The Raise and Fall of the Plantation Complex: Essays in Atlantic History*. Cambridge University Press, Cambridge. 1990.
- DASSIN, Joan (Editor).: *Torture in Brazil: A Report by the Archdiocese of São Paulo*. Traduzido por Jamie Wright. Vintage, New York. 1986.
- DAVIS, Natalie Z. *The Possibilities of the Past*. *Journal of Interdisciplinary History*. 12: 267-275. 1982
- DEAGAN, Kathleen.: *Neither History Nor Prehistory: The Questions that Count in Historical Archaeology*. *Historical Archaeology* 22(1): 7-12. 1986
- \_\_\_\_\_.: *Historical Archaeology's Contribution to Our Understanding of Early America*. In *Historical Archaeology in Global Perspective*, editado por Lisa Falk. Pp 97-112. Smithsonian Institution Press, Washington D.C. 1991.
- DEETZ, James.: In *Small Things Forgotten: The Archaeology of Early American Life*. Anchor Press/Doubleday, Garden City, New York. 1977.
- \_\_\_\_\_.: *Archaeological Evidence of Sixteenth- and Seventeenth-Century Encounters*. In *Historical Archaeology in Global Perspective*, editado por Lisa Falk. Pp 01-09. Smithsonian Institution Press, Washington D.C. 1991.
- DEGLER, Carl N.: *Neither Black Nor White: Slavery and Race Relations in Brasil and the United States*. Macmillian, New York. 1971.
- DIFFIE, Bailey W.: *A History of Colonial Brasil, 1500 – 1792*. Robert E. Kreiger, Malabar, Florida. 1987.
- DOLLAR, Clyde D.: *Some Thoughts on Theory and Method in Historical Archaeology*. *Conference on Historic Site Archaeology Papers* 1967 2(2): 3 – 30. 1968
- DRUMOND, Conselheiro.: *Relação das Guerras Feitas aos Palmares de Pernambuco no Tempo do Governador Pedro de Almeida de 1675 – 1678*. *Revista do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro* 22: 303 – 329. 1859.
- DUFFY, James.: *Portugal in Africa*. Harvard University Press, Cambridge, Massa-

- chusetts. 1962.
- ENNES, Ernesto.: *As Guerras nos Palmares (Subsídios para a sua História)*. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1938.
- \_\_\_\_\_.: *The Palmares "Republic" of Pernambuco: It's Final Destruction. The Americas 5: 200 – 216*. 1948.
- FONTANA, Bernard L. *On the Meaning of Historic Sites Archaeology. American Antiquity 31: 61-65*. 1965.
- FRANK, Andre Gunder.: *World Accumulation 1492 – 1789*. Monthly Review Press, New York. 1978.
- FREITAS, Décio.: *Palmares: A Guerra dos Escravos* 5ª ed. Movimento, Porto Alegre. 1984.
- FREYRE, Gilberto.: *The Masters and the Slaves: A Study in the Development of Brazilian Civilization*. Traduzido por Samuel Putnam. 2ª ed. Alfred A. Knopf, New York. 1956.
- GENOVESE, Eugene D; HOCHBERG, Leonard (ed.): *Geographic Perspectives in History*. Oxford University Press, Oxford. 1989.
- GHANI, Ashraf.: *A Conversation with Eric Wolf*. American Ethnologist 14:346–366. 1987.
- GOLDFRANK, Walter L.(Editor): *The World System of Capitalism: Past and Present*. Sage, Beverly Hills, California. 1979
- HAGGETT, Peter.: *The Geographer's Art*. Basil Blackwell, Oxford. 1990.
- HALL, Frederick Holden; HARRISON, William F.; WELKER, Dorothy Winters (editores e tradutores): *Dialogues of the Great Things of Brazil, Attributed to Ambrósio Fernandes Brandão*. University of New Mexico Press, Albuquerque. 1987.
- HAMBLY, Wilfred D.: *The Ovimbundu of Angola*. Field Museum of Natural History, Anthropological Series 21. Chicago. 1934.
- HARRINGTON, J. C. Historic Site Archaeology in the United States. In *Archaeology of the Eastern United States*, editado por James B. Griffin, pp 335 - 344. University of Chicago Press, Chicago. 1952.
- \_\_\_\_\_.: *Archaeology as an Auxiliary Science of American History*. American Anthropolo-

gist 7: 1121 – 1130. 1955

HEMMING, John.: *Red Gold: The Conquest of Brazilian Indians, 1500 – 1760*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts. 1978.

HENDERSON, Lawrence W.: *Angola: Five Centuries of Conflict*. Cornell University Press, Ithaca, New York. 1979.

HONERKAMP, Nicholas.: *Questions that Count in Historical Archaeology*. *Historical Archaeology* 22(1): 5 – 6. 1988.

HOPKINS, Terence K.: *The Study of the Capitalist World-Economy: Some Introductory Considerations*. In.: HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel (editores).: *World-System Analysis: Theory and Methodology*. Sage, Beverly Hills, California. 1982.

ISAAC, Rhys.: *The Transformation of Virginia 1740 – 1790*. University of North Carolina Press, Chapel Hill. 1982.

KENT, R. K.: *Palmares: An African State in Brazil*. *Journal of American History* 6: 161 – 175. 1965.

KING, Anthony D.: *The Bungalow: The Production of a Global Culture*. Routledge, London. 1984.

\_\_\_\_\_.: *Urbanism, Colonialism and the World-Economy: Cultural and Spatial Foundations of the World Urban System*. Routledge, London. 1989.

\_\_\_\_\_.: *Global Cities: Post-Imperialism and the Internationalization of London*. Routledge, London. 1990.

KROEBER, A. L.: *An Anthropologist Looks at History*. *Pacific Historical Review* 26: 281 – 287. 1957.

\_\_\_\_\_.: *An Anthropologist Looks at History*. University of California Press, Berkeley. 1966.

LIVERMORE, H.V.: *Portugal: A Short History*. Edinburgh University Press, Edinburgh. 1973.

MAESTRI, Mário José, Filho.: *A Agricultura Africana nos Séculos XVI – XVII no Litoral*

- Angolano*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1978
- MARCUS, G. J.: *The Conquest of the North Atlantic*. Boydell, Suffolk. 1980
- MARQUES, A. H. De Oliveira.: *Daily Life in Portugal in the Late Middle Ages*, traduzido por S. S. Wyatt. University of Wisconsin Press, Madison. 1971.
- MARTIN, William G. (Editor).: *Semiperipheral States in the World-Economy*. Greenwood, New York. 1990.
- MCCULLOCH, Merran.: *The Ovimbundu of Angola*. International African Institute, London. 1952.
- MEGGERS, Betty J.: The Archaeology of the Amazon Basin. In *Handbook of South American Indians. Vol. 3, The Tropical Forest Tribes*, pp 149 – 166. Editado por Julian H. Steward. U.S. Government Printing Office, Washington D.C. 1948.
- MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford.: *Lowland South American and the Antilles*. In *Ancient South Americans*, pp 287 – 335. Editado por Jesse D. Jennings. W. H. Freeman, New York. 1983.
- MÉTRAUX, Alfred.: The Tupinamba. In *Handbook of South American Indians. Vol. 3, The Tropical Forest Tribes*, pp 95 – 133. Editado por Julian H. Steward. U.S. Government Printing Office, Washington D.C. 1949.
- MILLER, Joseph C. *Kings and Kinsmen: Early Mbundu States in Angola*. Clarendon Press, Oxford. 1976.
- \_\_\_\_\_.: *The Significance of Drought, Disease and Famine in the Agriculturally Marginal Zones of West-Central Africa*. *Journal of African History* 23: 17 – 61. 1982
- MINTZ, Sidney W.: *Sweetness and Power: the Place of Sugar in Modern History*. Penguin, New York. 1986
- MOSER, Gerald M.: Grumbling Veterans of an Empire. In *Empire in Transition: the Portuguese World in the Time of Camões*, pp 97 – 105. Editado por Alfred Hower e Richard A. Preto-Rodas. University Presses of Florida, Gainesville. 1985.
- MOURA, Clovis.: *Quilombos: resistência ou escravismo*. Editora Ática, São Paulo. 1987.
- \_\_\_\_\_.: *Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas*. Mercado Aberto,

- Porto Alegre. 1988.
- MURDOCK, George Peter.: *Themes of Illness: A World Survey*. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, Pensilvania. 1980.
- NIEUHOFF, John.: *Voyages and Travels into Brazil*. In *A General Colection of the Best and Most Interesting Voyages and Travels in All Parts of the World*, pp 697 – 881. editado por John Pinkerton. Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, London. 1813.
- ORSER, Charles E., Jr.: *In Search of Zumbi: Preliminary archaeological Research at the Serra da Barriga, State of Alagoas, Brazil*. Midwest Archaeological Research Center, Illinois State University, Normal. 1992.
- PHILLIPS, J. R. S.: *The Medieval expansion of Europe*. Oxford University Press, Oxford. 1988.
- PHILLIPS, William D; Jr.: *Slavery from Roman Times to the Early Transatlantic Trade*. University of Minnesota Press, Minneapolis. 1985.
- RAMOS, Arthur.: *The Negro in Brazil*. Traduzido por Richard Pattee. Associated Publishers, Washington, D.C. 1939.
- ROCHA PITA, Sebastião da.: *História da América Portuguesa*, 3ª ed. Livraria Progresso editora, Salvador. 1950.
- RODRIGUES, Nina.: *Os Africanos no Brasil*, 3ª ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1945.
- ROWLANDS, Michael; LARSEN, Mogens; KRISTIANSEN, Kristian (Editores).: *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge University Press, Cambridge. 1987.
- SALE, Kirkpatrick.: *The Conquest of Paradise: Christopher Columbus and the Columbian Legacy*. Penguin, New York. 1990.
- SANTOS, Joel Rufino dos.: *Zumbi*. Editora Moderna, São Paulo. 1985.
- SAUNDERS, A. C.: *A Social History of Black Slaves and Freedman in Portugal, 1441 – 1555*. Cambridge University Press, Cambridge. 1982.
- SCAMMEL, G. V.: *The World Encompassed: The First European Maritime Empires, c. 800 –*

1650. Methuen, London. 1981.

SCHORTMAN, Edward M.; URBAN, Patricia A.: *Modelling Interregional Interaction in Prehistory. Advances in Archaeological Methods and Theory* 11: 37 – 93. Editado por Michael B. Schiffer. Academic Press, San Diego. 1987.

SCHUYLER, Robert L.: *Archaeological Remains, Document and Anthropology: A call for a New Culture History. Historical Archaeology* 22 (1): 36 – 42. 1988.

SCHWARTZ, Stuart A.: *Sugar Plantations in the Foundation of Brazilian Society: Bahia, 1550 – 1835*. Cambridge University Press, Cambridge. 1985.

SOUTH, Stanley.: *Comentário em “Some Thoughts on Theory and Method in Historical Archaeology” por Clyde Dollar*. Conference on Historic Site Archaeology Papers, 1967 2(2): 35 – 53. 1968.

\_\_\_\_\_.: *Whither Pattern? Historical Archaeology* 22(1): 25 – 28. 1988.

SOUZA, Yvonildo de.: *Grandes Negros do Brasil*. Livraria São José, Rio de Janeiro. 1963.

THORNTON, John: *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1460 – 1680*. Cambridge University Press, Cambridge. 1992.

VANSINA, Jan.: *The Foundation of the Kingdom of Kasanje*. Journal of African History 4: 355 – 374. 1963.

\_\_\_\_\_.: *Kingdoms of the Savanna: A History of Central African States Until European Occupation*. University of Wisconsin Press, Madison. 1966.

WALKER, Iain C.: *Historic Archaeology: Methods and Principles. Historical Archaeology* 1: 23 – 34. 1967.

WALLACE, Iain.: *The Global Economic System*. Unwin Hyman, London. 1990.

WALLERSTEIN, Immanuel.: *The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth-Century* Academic Press, New York. 1974.

\_\_\_\_\_.: *The Capitalist World-Economy*. Cambridge University Press, Cambridge. 1979.

\_\_\_\_\_.: *The Modern World-System II: Mercantilism and the Consolidation of the*



*European World-Economy, 1600 – 1750*. Academic Press, New York. 1980.

WOLF, Eric R.: *Europe and the People Without History*. University of California Press, Berkeley. 1982.

\_\_\_\_\_.: *Culture: Panacea or Problem?* *American Antiquity* 49: 393 – 400. 1984.

WOODRUFF, William.: *Impact of Western Man: A Study of Europe's Role in the World Economy, 1750 – 1960*. St Michaels Press, New York. 1967.

\_\_\_\_\_.: *The Struggle for World Power, 1500 – 1980*. St. Michaels Press, New York. 1981.